



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS - CAMPUS V
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

MARIA CLARA DE OLIVEIRA TONOLLI BEDÊ

**A INFLUÊNCIA DA MÍDIA EM CONFLITOS INTERNACIONAIS: UMA ANÁLISE
SOB A LUZ DOS CONFLITOS RÚSSIA-UCRÂNIA E MIANMAR
DE 2017 A MEADOS DE 2025**

**João Pessoa
2025**

MARIA CLARA DE OLIVEIRA TONOLLI BEDÊ

**A INFLUÊNCIA DA MÍDIA EM CONFLITOS INTERNACIONAIS: UMA ANÁLISE
SOB A LUZ DOS CONFLITOS RÚSSIA-UCRÂNIA E MIANMAR
DE 2017 A MEADOS DE 2025**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Programa de Graduação em Relações
Internacionais da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de bacharela em Relações Internacionais.

Área de concentração: Mídia, Segurança e
Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre.

JOÃO PESSOA
2025

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B411i Bedê, Maria Clara de Oliveira Tonolli.
A influência da mídia em conflitos internacionais: uma análise sob a luz dos conflitos Rússia-Ucrânia e Mianmar de 2017 a meados de 2025 [manuscrito] / Maria Clara de Oliveira Tonolli Bedê. - 2025.
38 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2025.

"Orientação : Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA".

1. Relações Internacionais. 2. Conflitos internacionais. 3. Rússia. 4. Ucrânia. 5. Mianmar. 6. Mídia. I. Título

21. ed. CDD 302.23

MARIA CLARA DE OLIVEIRA TONOLLI BEDÊ

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA EM CONFLITOS INTERNACIONAIS: UMA ANÁLISE SOB
A LUZ DOS CONFLITOS RÚSSIA-UCRÂNIA E MIANMAR
DE 2017 A MEADOS DE 2025

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Programa de Graduação em Relações
Internacionais da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de bacharela em Relações Internacionais.

Área de concentração: Mídia, Segurança e
Relações Internacionais.

Aprovada em: 27/05/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Fábio Rodrigo Ferreira Nobre** (***.547.894-**), em **12/06/2025 14:46:32** com chave **2db1b3c447b511f0bd1a1a7cc27eb1f9**.
- **Caio Csermak** (***.176.456-**), em **12/06/2025 14:51:36** com chave **e2918f5847b511f09e7306adb0a3afce**.
- **Anna Beatriz Leite Henriques de Lucena** (***.415.644-**), em **12/06/2025 18:34:44** com chave **0ea275ac47d511f0a7f31a1c3150b54b**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 12/06/2025

Código de Autenticação: f83e28



Aos meus pais, que me ensinaram a sonhar e realizaram alguns destes sonhos, e que, debaixo de muito sol, me fizeram chegar até a sombra, dedico.

**“A cultura é uma lente através da qual o
homem vê o mundo.”
—Ruth Benedict, *O Crisântemo e a Espada*
(1946)**

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASEAN – Associação das Nações do Sudeste Asiático

BBC – British Broadcasting Corporation

CNN – Cable News Network

EU – União Europeia

LND – Liga Nacional pela Democracia

ONG – Organização Não-Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PDF – Forças de Defesa do Povo

RI – Relações Internacionais

RMA – Revolução nos Assuntos Militares

UN – United Nations

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
2. OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	13
2.1 O que é a opinião pública	14
2.2 Como os meios de comunicação moldam a opinião pública	16
3. A INFLUÊNCIA DA MÍDIA EM CONFLITOS INTERNACIONAIS	17
3.1 A Guerra de Sala de Estar	18
3.1.1 A Guerra do Vietnã	18
3.1.2 A Guerra do Golfo	19
3.1.3 11 de Setembro	19
3.1.4 A Guerra Contra o Terror: Afeganistão e Iraque	20
3.2 Conflitos Contemporâneos e o papel da mídia: Um olhar sobre os conflitos russo-ucraniano e no Mianmar	20
4. O CASO RÚSSIA-UCRÂNIA	21
4.1 Atores envolvidos	22
4.1.1 Influência dos atores no Sistema Internacional	23
4.2 Ferramentas da interferência da mídia	24
4.2.1 Gatekeepers	24
4.2.2 Responsabilização (Vítima / Agressor)/framing e o CNN effect	24
4.2.3 Agenda-setting	25
4.2.4 Weaponization of media	26
4.3 Oportunidades econômicas geradas pelo conflito	26
4.4 Iniciativas nas Instituições Internacionais	26
5. O CASO MIANMAR	27
5.1 Atores envolvidos	28
5.1.1 Influência dos atores no Sistema Internacional	29
5.2 Ferramentas da interferência da mídia	29
5.2.1 Gatekeepers	29
5.2.2 Responsabilização (Vítima / Agressor)/framing e o CNN effect	30
5.2.3 Agenda-setting	30
5.2.4 Weaponization of media	31
5.3 Oportunidades econômicas geradas pelo conflito	31
5.4 Iniciativas nas Instituições Internacionais	32

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

**A INFLUÊNCIA DA MÍDIA EM CONFLITOS INTERNACIONAIS: UMA ANÁLISE
SOB A LUZ DOS CONFLITOS RÚSSIA-UCRÂNIA E MIANMAR DE 2017 A
MEADOS DE 2025**

**THE INFLUENCE OF THE MEDIA IN INTERNATIONAL CONFLICTS: AN ANALYSIS
IN THE LIGHT OF THE RUSSIA-UKRAINE AND MYANMAR CONFLICTS FROM
2017 TO MID-2025**

Maria Clara de Oliveira Tonolli Bedê¹

RESUMO

A presente pesquisa analisa a influência da mídia na percepção e condução de conflitos internacionais, com foco nos casos Rússia-Ucrânia e Mianmar. Utilizando conceitos como *agenda-setting*, *framing*, *CNN effect* e *weaponization of media*, a pesquisa explora como as narrativas midiáticas refletem interesses geopolíticos e econômicos, moldando decisões políticas e legitimando intervenções. O estudo confirma que a mídia *mainstream* tende a favorecer narrativas alinhadas aos centros de poder, invisibilizando conflitos periféricos e reforçando hierarquias globais.

Palavras-Chave: Relações Internacionais; Conflitos; Rússia; Ucrânia; Mianmar; Mídia.

ABSTRACT

This paper analyzes the influence of the media on the perception and conduct of international conflicts, focusing on the Russia-Ukraine and Myanmar cases. Using concepts such as *agenda-setting*, *framing*, *CNN effect*, and *weaponization of media*, the research explores how media narratives reflect geopolitical and economic interests, shaping political decisions and legitimizing interventions. The study confirms that mainstream media tends to favor narratives aligned with the centers of power, invisibilizing peripheral conflicts and reinforcing global hierarchies.

Key words: International Relations; Conflicts; Russia; Ukraine; Myanmar; Media.

¹ Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
<maria.oliveiratonolibede@gmail.com>

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os seres humanos passaram a viver em uma era de intensa circulação de informações, marcada pela ascensão tecnológica e pela globalização. Nesse contexto, a mídia consolidou-se como um dos principais agentes de formação de opinião e moldagem da percepção pública (McCombs e Shaw, 1972). Tal atuação ultrapassa o papel de simples transmissora de fatos, exercendo influência direta sobre como eventos são interpretados e priorizados pela sociedade internacional — refere-se ao conjunto de Estados e outros atores que interagem com base em normas, instituições e práticas compartilhadas, seria então uma associação política entre unidades soberanas, organizada por meio do sistema internacional (Bull, 2002). Entre os eventos mais complexos que desafiam os meios de comunicação estão os conflitos armados, em especial aqueles com raízes étnicas, religiosas ou geopolíticas. No presente artigo, analisa-se a relação entre a mídia internacional e conflitos armados contemporâneos, com foco nos mecanismos de cobertura midiática, efeitos políticos e enquadramentos simbólicos que moldam a percepção pública sobre esses conflitos. A pesquisa compara os casos da Rússia-Ucrânia e Mianmar, examinando como as narrativas são construídas, filtradas e disseminadas para audiências globais, questionando as relações de poder na construção das narrativas midiáticas.

Vale salientar que a relevância de tal temática dentro do campo das Relações Internacionais (RI) se mostra de maneira evidente. As decisões políticas, intervenções humanitárias e pressões diplomáticas muitas vezes são moldadas pela cobertura midiática de um conflito (Robinson, 2002). Em um cenário de competição por valia, poder e legitimidade, determinados conflitos recebem ampla exposição, enquanto outros são silenciados ou até mesmo negligenciados (Thussu, 2021). A forma como a mídia reporta guerras e crises humanitárias influencia diretamente a mobilização internacional, a pressão sobre Estados e organizações multilaterais, e até mesmo o financiamento de ajuda humanitária. Assim, entender o viés na divulgação de certos conflitos é fundamental para compreender a lógica do sistema internacional contemporâneo.

Em um mundo onde a narrativa é uma arma poderosa (Pamment e Bjola, 2018), torna-se essencial identificar os interesses que estão por trás da escolha de quais conflitos ganham visibilidade e quais permanecem à margem. Dito isso, o presente artigo busca salientar e analisar criticamente o papel da mídia no tratamento dos embates internacionais. Assim, o estudo aponta que a mídia pode tanto contribuir para a resolução de conflitos quanto agravar tensões, ao favorecer determinados discursos. Casos como o do conflito entre Rússia e Ucrânia, por exemplo, revelam como as narrativas midiáticas podem distorcer a compreensão pública e favorecer um dos lados, gerando desinformação e polarização (Chomsky, 1997). Já o caso de

Mianmar ilustra o esquecimento midiático que algumas crises sofrem, mesmo diante de violações massivas de direitos humanos. (Amnesty International, 2018).

As Relações Internacionais, no campo teórico, têm se debruçado sobre a questão da informação e da comunicação como elementos centrais na dinâmica do poder. Teorias como a Teoria Crítica e os Estudos Pós-Coloniais problematizam as estruturas de dominação que se perpetuam por meio das narrativas dominantes (Said, 1978; Spivak, 1988; Cox, 1981). De maneira mais detalhada, a Teoria Crítica² irá questionar as estruturas de poder e injustiças no sistema global. Foi inspirada na Escola de Frankfurt, busca compreender e desafiar as formas de dominação e opressão entre Estados e atores internacionais. Essa abordagem também irá criticar teorias tradicionais por reproduzirem a ordem existente e destaca temas como imperialismo, desigualdade e direitos humanos. Além disso, a teoria defende a existência de influência de interesse e valores sobre a produção do conhecimento e critica a visão imparcial, pura e neutra. Afinal, cada pessoa vê a realidade através de uma lente formada por diversos fatores, como cultura, experiência pessoal e contexto histórico. Mesmo de modo não intencional, as análises individuais estão sempre influenciadas por essa perspectiva única. (Benedict, 1946).

No que concerne aos Estudos Pós Coloniais, os mesmos, examinam o legado do colonialismo e do imperialismo nas relações globais. Eles questionam as narrativas dominantes e hierarquias de poder estabelecidas durante o colonialismo, enquanto destacam as experiências e perspectivas dos povos colonizados (Krishna, 2018). Isso demonstra como os países imperialistas mantêm influência estrutural sobre as decisões de outros Estados. Esta teoria também pode ser vista dado a visibilidade dos conflitos a serem abordados.

Além disso, conceitos como *agenda-setting* (McCombs e Shaw, 1972), *framing* (Entman, 1993), *CNN effect* (Robinson, 2002), *gatekeeping* (White, 1950) e *weaponization of media* (Pamment e Bjola, 2018) são ferramentas analíticas centrais para compreender como a mídia participa da construção do cenário internacional. A escolha do que é ou não notícia não é neutra, mas sim condicionada por interesses políticos, econômicos e ideológicos.

A pergunta de pesquisa que orienta esta pesquisa é: *quais mecanismos explicam o viés da mídia internacional na cobertura de alguns conflitos em detrimento de outros?* Como hipótese, defende-se que a mídia internacional ou *mainstream* — refere-se aos grandes veículos

²Conteúdo de Teoria Crítica retirado de MESSARI, Nizar; NOGUEIRA, João Pontes. Teoria Crítica. In: MESSARI, Nizar; NOGUEIRA, João Pontes. Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005, p. 132-161.

de comunicação que dominam a produção e a circulação de informações em escala nacional e internacional, tais mídias são caracterizadas por amplo alcance, acesso massivo e influência significativa na formação da opinião pública. Costumam operar sob interesses comerciais e/ou políticos e tendem a reproduzir narrativas dominantes ou hegemônicas (Sodré, 2009) — reflete os interesses de grupos de poder — são coletividades ou instituições que detêm capacidade significativa de influência ou controle sobre recursos, decisões políticas, econômicas e sociais, que muitas das vezes operam tanto no nível doméstico quanto internacional, moldando as estruturas de poder e a governança global (Wright Mills, 1969) — nos conflitos abordados, o que justifica os ângulos pelos quais veiculam os mesmos. (Cox, 1981; Said, 1978; Spivak, 1988).

Para responder a essa questão, adota-se uma metodologia qualitativa e descritiva, com base em estudo de caso, focando nos conflitos Rússia-Ucrânia e Mianmar. O método indutivo será utilizado para partir de casos específicos e construir uma análise mais ampla sobre a influência da mídia nos conflitos armados. A análise será guiada por conceitos fundamentais como *agenda-setting* (McCombs; Shaw, 1972), *framing* (Entman, 1993), *CNN effect* (Robinson, 2002), *gatekeeping* (White, 1950) e *weaponization of media* (Pamment; Bjola, 2018), que ajudam a compreender como as narrativas midiáticas são construídas, filtradas e disseminadas para diferentes audiências. Além disso, serão examinados os efeitos políticos e sociais derivados dessas representações, considerando as críticas da Teoria Crítica (Cox, 1981) e dos Estudos Pós-Coloniais (Said, 1978; Spivak, 1988), que problematizam as relações de poder e hegemonia na construção das narrativas midiáticas.

O recorte temporal da pesquisa abrange o período de 2017 a meados de 2025. Esse intervalo foi escolhido por abranger, no caso de Mianmar, a escalada da violência contra a minoria *Rohingya* e o golpe militar de 2021, eventos que marcaram um agravamento da crise humanitária no país (Human Rights Watch, 2021). No caso da Rússia e Ucrânia, esse período contempla o início das tensões na Crimeia até a intensificação do conflito em 2022 com a invasão russa em larga escala, e a cobertura massiva que o conflito recebeu até o momento atual. (BBC, 2022).

Esta pesquisa está dividida em quatro seções principais. A primeira seção apresenta os fundamentos da pesquisa no qual se explicam os fundamentos conceituais dos meios de comunicação e seu *background* para o entendimento de análises futuras. A segunda seção desenvolve a análise dos principais conceitos ligados à mídia e sua relação com os conflitos internacionais, aprofundando a análise da influência dos meios de comunicação nos conflitos armados. A terceira seção, por sua vez, analisa o conflito entre Rússia e Ucrânia sob as mesmas

lentes, a fim de permitir uma comparação sistemática. A quarta seção é dedicado ao estudo do caso de Mianmar, explorando as raízes do conflito, os atores envolvidos, a atuação da mídia e os impactos internacionais. Por fim, as considerações finais discutem os achados da pesquisa e suas implicações para os estudos de mídia e política internacional.

2. OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

A evolução dos meios de comunicação no decorrer do século XX transformou profundamente o cenário político. Essa mudança não apenas ampliou a circulação de informações, mas também exigiu que líderes políticos aprendessem a usar esses novos canais de forma estratégica. Adolf Hitler, na Alemanha, é um exemplo claro desse fenômeno, tendo se consolidado como um dos maiores símbolos da política na era do rádio, utilizando-o para difundir propaganda e consolidar seu poder. (Miguel, 2002).

No contexto internacional, os meios de comunicação atuam como atores não estatais com capacidade de influência política, moldando a opinião pública e impactando decisões governamentais (Robinson, 2002; Entman, 2008). Mas, afinal, o que são esses meios de comunicação? Os meios de comunicação em massa são operados por organizações amplas e complexas, que envolvem uma vasta gama de profissionais e possuem a capacidade de disseminar suas mensagens em grande escala, atingindo milhares e até milhões de pessoas simultaneamente, por meio dos veículos de massa³, sendo uma ferramenta fundamental para o transporte de informações no âmbito global. (Monteiro apud. Rabaça, 2001).

2.1 O que é a opinião pública

Conforme supracitado na introdução da presente seção, com o advento dos meios de comunicação o termo ‘opinião pública’ emergiu, inserido de maneira genérica, o que acaba por alertar o analista a utilizá-lo com cautela, para evitar o reducionismo. A opinião pública consistiria, então, na união de opiniões e pontos de vista. Trazendo, a grosso modo, o que sabemos “cada vez mais”, é na verdade “cada vez menos” (Figueiredo; Cervellini apud. Zeller, 1995). Ainda sob o ponto de vista de Figueiredo e Cervellini:

A ideia de opinião pública ficou muito contaminada com o surgimento das pesquisas de opinião, na década de 1930 nos EUA. Como o conceito de opinião pública é anterior às pesquisas e como as pesquisas retratam os

³Veículos de massa seriam canais pelos quais a informação se propagaria, como: jornais, revistas, livros, rádio, televisão, cinema e, atualmente, a Internet, ou seja, atingem um grande público de forma ampla e simultânea. Os mesmos, possuem a capacidade de disseminar informações para uma vasta audiência, influenciando a opinião pública e a cultura de massa. VEÍCULOS DE MASSA: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em: < <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 04 set. 2024>.

aspectos mais visíveis, interessantes e discutidos da opinião pública, é natural que a associação pesquisa-opinião pública seja feita, ainda que essa associação certamente não ajude no esforço de se conceituar algo que, afinal, existe independentemente das pesquisas. (Cervellini; Figueiredo, 1995, p. 173).

Além disso, Pierre Bourdieu, em sua obra *A opinião pública não existe*, apresenta três argumentos que, segundo ele, serviriam de base para fundamentar a contestação do que seria a opinião pública. Primeiramente, estudiosos e pesquisadores partiriam da falsa premissa de que a produção de opinião está ao alcance de qualquer indivíduo; em segundo lugar, os mesmos, partiriam de maneira errônea da premissa de que todas as opiniões têm o mesmo valor; por fim, Bourdieu põem em xeque o fato de que os temas pesquisados sejam de real interesse de todos os respondentes, ou seja, ele acredita que é imposto assuntos que parecem importantes a quem vê, sem se basear em um real consenso. (Bourdieu, 1972).

Neste viés, a desconfiança em relação à mídia está ligada à ideia de que a prática política é frequentemente moldada por uma visão elitista, na qual as decisões sobre o que ganha visibilidade não são necessariamente reflexo da opinião pública, mas sim resultado da mediação ideológica das elites comunicacionais. Nesse sentido, Sartori, em sua obra *A Teoria da Democracia Revisitada*, publicada em 1987, argumenta que os mecanismos de mercado seriam suficientes para garantir a autonomia da opinião pública, especialmente nos regimes ocidentais, uma perspectiva que vê as fontes de informação como uma questão resolvida pelas instituições existentes (Miguel apud Sartori, 2002). No entanto, essa visão é contestada por autores como Bourdieu, que questionam a ideia de uma opinião pública autônoma, afirmando que o que aparece como “opinião pública” é, muitas vezes, a expressão dos interesses e narrativas promovidas por elites midiáticas (Bourdieu, 1998). Da mesma forma, Herman e Chomsky sustentam que a mídia é estruturada para servir aos interesses do poder econômico e político, reforçando as desigualdades na produção e circulação da informação (Herman; Chomsky, 1988).

Em contraponto, Sartori em seu artigo *Videopolítica* (1989) e no livro *Homo videns* (1997), mudou seu prisma, trazendo o pensamento em que a televisão exercia uma forte influência em demasia, prejudicando as democracias ocidentais. Também notou duas problemáticas, a primeira seria que o controle exagerado dos governos pela opinião pública levaria ao comprometimento da racionalidade e o planejamento político em médio e longo prazo, e a segunda seria o controle dessa opinião pela mídia. Para ele, teria sido dado à televisão o papel de inibir o raciocínio, algo que, segundo ele, apenas a palavra escrita poderia promover (Miguel apud. Sartori, 2002).

Nesse sentido, Sartori ressalta que a maioria dos problemas associados à mídia estão, na verdade, relacionados à junção de um público extremamente heterogêneo, com interesses conflitantes, e a necessidade de manter a unidade social, o que acaba gerando desafios que as sociedades deveriam aprender a enfrentar. Em suma:

[...], num ambiente de acerbó conflito de interesses, é inimaginável que os meios de comunicação sejam os porta-vozes imparciais do debate político, [...]. Isto não significa que se deva descair para o conformismo, já que a mídia "sempre" defenderá certos segmentos sociais, mas sim que é necessário perceber que a mudança passa pela pressão da sociedade, isto é, dos grupos prejudicados pela forma dominante de gestão da comunicação. [...]. (Miguel apud. Sartori, 2002).

Sendo assim, compreender como os meios de comunicação moldam a opinião pública se torna fulcral a fim de desvendar as dinâmicas de poder e influência que permeiam as sociedades contemporâneas.

2.2 Como os meios de comunicação moldam a opinião pública

Perante o exposto anteriormente, observa-se que os meios de comunicação possuem uma grande influência na formação da opinião pública. Neste sentido, faz-se necessário abordar e explicar os termos e as ferramentas que auxiliam esta prática a fim de criar um *background* para melhor entendimento de sua aplicação nos casos posteriormente abordados. Termos como *gatekeepers*, *framing*, *CNN effect*, *agenda-setting*, e *weaponization of media*, são de suma importância para compreender tal temática. Sendo assim, é imprescindível debatê-los com o fito de melhor esclarecimento.

O primeiro dos conceitos essenciais para a presente pesquisa são os denominados *gatekeepers* (do inglês, selecionadores), aqueles que detém o poder de moldar e selecionar o que será apresentado; ou seja, *gatekeepers* são indivíduos ou um grupo que tem “o poder de decidir se deixa passar ou interrompe a informação” (Arrais, 2014). Em seguida, tem-se o termo *framing*, que significa “enquadramento”, que, a grosso modo, é nada mais do que promover uma interpretação direcionada de determinada problemática guiando sua perspectiva (Rossi, 2017). Assim como ocorre com a Teoria das Relações Internacionais, na qual um elemento primordial diz respeito à neutralidade da mesma - ou a adoção de um argumento político (Sutch, Elias, 2007), os debates sobre a mídia também discutem sua imparcialidade. Da mesma forma que uma teoria ou abordagem internacionalista não deveria se basear em avaliações subjetivas, a disseminação de informações também deveria ser, *a priori*, neutra (Ojala, 2021). No entanto, argumentam os críticos, nenhuma teoria estaria livre de valores, pois estes são intrínsecos ao pesquisador, assim como os estudiosos têm visto uma mudança constante em direção a formas mais opinativas e partidárias de jornalismo.

Os termos *CNN effect* e *agenda-setting*, a seguir, estão conectados em contrapontos. No *CNN effect*, ou “efeito CNN”, atribui-se aos meios de comunicação um papel principal que implica uma quase completa independência em relação aos outros atores internacionais, o que lhes confere legitimidade para influenciar os destinos das relações internacionais (Arrais, 2014). Ou seja, ainda se tratando do efeito CNN, a mídia tem papel de grande influência/manipulação dos meios, que, segundo a atribuição de funções dos atores internacionais, por Eytan Gilboa, tais meios, a partir dessa influência, chegam a substituir os atores políticos tradicionais. O conceito de *agenda-setting* atua no sentido de não distorcer, mas mostrar um fragmento da realidade a fim de formar uma opinião pública. Destarte, o conceito não se refere à forma como as pessoas devem pensar, e sim sobre o que pensam, discutem e/ou refletem. (Arrais, 2014). Transportando o debate para o campo digital, pode-se equiparar o efeito do *agenda-setting* com os algoritmos das Redes Sociais⁴, nas quais a experiência do usuário é filtrada por seus gostos e ações dentro das redes para uma melhor contemplação do que se é mostrado/visto. (Rosetti, Angeluci, 2021).

Outrossim, o termo *weaponization of media*, ou a mídia usada como arma de guerra, segundo o qual a mídia, com o propósito de disseminar narrativas destinadas a apoiar um ou mais lados de um conflito militar, objetiva moldar a compreensão e o conhecimento público. Isso ocorre ao ofuscar as fontes de informação sobre o conflito e as motivações públicas, além de envolver ações por parte dos militares para utilizar estruturas profissionais, com o objetivo de influenciar a produção da narrativa midiática e manipular as perspectivas dos jornalistas, o que resulta na representação da guerra de acordo com os interesses próprios (Rossi, apud. Vukasovich, 2017). A essa escolha de narrativas, o conflito russo-ucraniano é um forte exemplo no sistema internacional contemporâneo.

De modo integrado, essas ferramentas não atuam de maneira isolada, mas compõem um mecanismo de funcionamento comum do poder midiático. Os *gatekeepers* definem a pauta ao decidir o que será ou não noticiado (*agenda-setting*), enquanto os frames determinam como essas informações serão apresentadas e interpretadas pelo público. O *CNN effect* potencializa essa narrativa ao transformá-la em ação política, pressionando governos e atores internacionais a reagirem rapidamente às imagens e relatos transmitidos em tempo real. Finalmente, a *weaponization of media* representa a instrumentalização de todo esse ciclo, utilizando essas

⁴O algoritmo das redes sociais é um conjunto de regras matemáticas que determina como o conteúdo é exibido aos usuários em suas feeds de notícias. Ele personaliza a experiência do usuário com base em seu comportamento, interesses e interações anteriores, visando aumentar o engajamento e reter os usuários na plataforma. Acesso em: 24 de abril de 2024 <<https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/como-funcionam-os-algoritmos-das-redes-sociais,d747b240aba76810VgnVCM1000001b00320aRCRD>>.

dinâmicas para moldar a percepção pública e justificar ações militares, consolidando a mídia como uma ferramenta estratégica no cenário geopolítico contemporâneo. (Pamment; Bjola, 2018).

3. A INFLUÊNCIA DA MÍDIA EM CONFLITOS INTERNACIONAIS

Desde os primórdios do surgimento da imprensa, a mídia foi ferramenta imprescindível para registrar e informar sobre guerras e conflitos (Arrais, 2014). No entanto, foi com o avanço tecnológico, principalmente o avanço dos meios de comunicação, como a televisão e, posteriormente, a Internet, em que a cobertura de tais eventos passou a moldar diretamente a opinião pública, as decisões políticas e até mesmo as estratégias de guerra. (Arrais, 2014 e Rossi, 2017).

Imagens como soldados em campo, civis feridos, destruição em massa e cidades totalmente devastadas passaram a gerar impacto emocional direto na audiência, influenciando opiniões e decisões em larga escala. Conforme afirmou McLuhan (1964), “o meio é a mensagem”, destacando que o meio tem mais impacto do que o próprio conteúdo da mensagem. Em outras palavras, a forma como a mensagem é transmitida afeta como ela será interpretada, e até transforma o contexto social e cultural. Dessa forma, não basta analisar o conteúdo de uma mensagem, é fulcral observar como a mensagem é transmitida, pois o próprio meio altera a maneira como a mensagem é percebida, influenciando, assim, o público.

Dada tal evolução, na tentativa de entender melhor esta temática, há o surgimento de vários conceitos como “Guerra de Sala de Estar”, abordado a seguir.

3.1 A Guerra de Sala de Estar

O conceito de “Guerra de Sala de Estar” — do inglês *Living Room War*, mencionado por Michael Arlen na década de 1960 — sintetiza a evolução citada anteriormente, salientando como os conflitos passaram a ser acompanhados em tempo real pelos telespectadores ao redor do mundo, com imagens impactantes entrando diretamente nas casas das pessoas. Ilustrando melhor, no artigo “*The ‘living room war’ in the escalation period: Romance, irony, and the narrative ambivalence of tragedy in Vietnam War era photojournalism*” (Wade, 2015) é discutido a ambivalência da narrativa entre romantizar (bravura militar) e ironizar (futilidade da guerra) as imagens do conflito do Vietnã. Tal dualidade dentro das narrativas visuais permitiria que as imagens apoiassem argumentos de ambos os lados do debate, auxiliando na polarização da opinião pública. Wade (2015), conclui que a representação visual da guerra no Vietnã não apenas moldou a percepção pública na época, mas também influenciou as práticas contemporâneas de espectador em relação ao sofrimento.

3.1.1 A Guerra do Vietnã

A Guerra do Vietnã foi um dos primeiros grandes exemplos de como a cobertura midiática poderia influenciar o curso de um conflito. Pela primeira vez, imagens de combates, feridos e civis em sofrimento foram transmitidas diariamente na televisão. Esses registros impactaram a opinião pública americana, gerando protestos contra a guerra e afetando diretamente as decisões políticas dos Estados Unidos. Esse fenômeno, é considerado um marco no estudo do *CNN effect*, antecipando o uso posterior do conceito para descrever como a cobertura ao vivo e contínua dos conflitos pode moldar decisões políticas em tempo real. (Gilboa, 2005).

O que poderia ser uma ferramenta de legitimação do conflito e/ou tentativa de apoio popular gerou, apesar das tentativas de controle acerca do que era noticiado, desconforto e indignação visto uma guerra que carecia de sentido para boa parte da população, o que fez com que o apoio ao combate se esvaísse (Arrais, 2014). Nesse sentido, Arlen (1982), asseverou que a televisão fez com que os horrores da guerra fossem transmitidos diretamente para dentro das casas dos americanos, expondo a realidade dos conflitos de maneira inédita, fomentando ainda mais descontentamento e necessidade de trazer um sentido a tal conflito.

3.1.2 A Guerra do Golfo

Outro notório exemplo do peso da mídia para o tratamento dos conflitos violentos é a Guerra do Golfo (1990-1991), que cunhou uma nova era na cobertura midiática, com a CNN transmitindo o conflito diretamente do Iraque, conforme ilustrado pelo filme *Live from Baghdad* (2002), dirigido pelo estadunidense Mick Jackson. O filme retrata tal marco histórico, mostrando como uma equipe de jornalistas se tornou a primeira a cobrir um conflito ao vivo, diretamente de uma zona de guerra. A cobertura midiática moldou a narrativa global do conflito, ao mesmo tempo em que auxiliou no surgimento de questões éticas sobre o uso de imagens para fins estratégicos e de propaganda. Como destaca Taylor (1992), o conflito ocorreu simultaneamente nos campos de batalha e nos meios de comunicação, nos quais a narrativa e a propaganda desempenharam um papel crucial.

3.1.3 11 de Setembro

Embora o ataque de 11 de setembro de 2001 não tenha sido uma guerra, ele gerou um dos períodos mais intensos de cobertura midiática da história. As imagens dos aviões atingindo as Torres Gêmeas foram transmitidas incessantemente, moldando a narrativa global sobre terrorismo e segurança. Sendo assim, a partir desse evento, os Estados Unidos declararam a

"Guerra ao Terror", iniciando intervenções militares no Afeganistão e no Iraque. A invasão do Iraque, em 2003, foi amplamente transmitida, inclusive no Brasil, com cenas narradas por jornalistas como Fátima Bernardes e William Bonner⁵, os principais âncoras da maior emissora do país, o que contribuiu com a ampliação da sensação de importância do caso. Segundo Leite (2004), trazendo à luz estudos de Kellner (2005), a cobertura midiática faz destes conflitos um verdadeiro espetáculo televisionado.

3.1.4 A Guerra Contra o Terror: Afeganistão e Iraque

A decorrência mais imediata dos atentados de 2001 foi o lançamento da *Guerra Global Contra o Terror*, uma campanha militarizada multiagência, que colocava o terrorismo como fonte de insegurança nacional e, portanto, objeto de contenção estadunidense em qualquer parte do globo (Mishra e Manhas, 2025). Durante a 'Guerra ao Terror', a mídia continuou desempenhando um papel central, tanto na cobertura dos conflitos quanto na criação de narrativas que justificassem as ações militares.

A transmissão ao vivo de ataques e invasões, combinada com discursos oficiais divulgados amplamente, auxiliou no molde da percepção de que essas guerras eram necessárias para combater o terrorismo. Kellner (2005), salienta que a cobertura midiática dos ataques de 11 de setembro e da subsequente Guerra ao Terror transformou o conflito em um verdadeiro espetáculo, reforçando a narrativa oficial e gerando apoio popular às ações militares.

Um exemplo marcante dessa cobertura foi a transmissão da invasão do Iraque em 2003, com canais como a CNN e a BBC cobrindo o conflito em tempo real, até mesmo no sistema televisivo brasileiro foi transmitido tal acontecimento⁶. Entretanto, segundo Rampton e Stauber (2003), imagens de civis mortos e destruição em larga escala também despertaram críticas e questionamentos sobre os verdadeiros objetivos dessas intervenções, evidenciando o papel ambíguo da mídia na legitimação da guerra.

Esses exemplos deixam claro que a cobertura midiática de conflitos como a Guerra do Vietnã, a Guerra do Golfo, a Guerra ao Terror e a invasão do Iraque não é neutra, mas conduzida por interesses estratégicos e políticos. A forma como esses eventos foram enquadrados e transmitidos reflete decisões editoriais que muitas vezes alinham-se aos objetivos geopolíticos das potências envolvidas. Tal narrativa não apenas molda a percepção pública, como também

⁵Memória Globo - Os atentados de 11 de setembro. Acesso em 15 de dezembro de 2025. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/reportagens-e-entrevistas/noticia/os-atentados-de-11-de-setembro.ghml>>.

⁶Rede GLOBO. Relato da TV Globo do início do bombardeamento das forças lideradas pelos Estados Unidos na cidade de Bagdá, a partir de imagens da Abu Dhabi TV. *Jornal Nacional*, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vYWxEqk7Kao&ab_channel=FilintoMelo>.

influencia diretamente decisões políticas, legitimando ações militares e definindo o que é visto como ameaça à segurança internacional. (Kellner, 2005; Rampton; Stauber, 2003; Mishra; Manhas, 2025).

3.2 Conflitos Contemporâneos e o papel da mídia: Um olhar sobre os conflitos russo-ucraniano e no Mianmar

Uma vez estabelecido o frequente papel da mídia na transmissão e no condicionamento das percepções de alguns dos principais conflitos violentos modernos, podemos nos voltar para alguns conflitos contemporâneos, nos quais ela continua sendo peça-chave. A guerra entre Rússia e Ucrânia, em especial, não é apenas travada no campo de batalha, mas também no espaço midiático. Vídeos, reportagens e postagens em redes sociais são usados tanto para informar quanto para desinformar, ampliando a guerra híbrida⁷ (Chomsky, 2022). A propaganda e as *fake news* se tornaram armas tão importantes quanto os tanques e mísseis, enquanto jornalistas enfrentam desafios extremos para transmitir informações confiáveis. (Wardle; Derakhshan, 2017).

O caso de Mianmar ilustra outra dimensão da relação entre mídia e conflitos: a exposição de violações de direitos humanos em regimes autoritários. Em contextos como esse, a dificuldade em cobrir eventos não se deve apenas à falta de acesso às informações, mas também à repressão direta contra jornalistas e à censura sistemática da imprensa. Essas medidas são utilizadas para silenciar vozes críticas e impedir que abusos sejam amplamente divulgados, limitando a conscientização global sobre as atrocidades cometidas e deixando populações vulneráveis ainda mais desamparadas. (Reporters Without Borders, 2021).

Em síntese, a influência da mídia em conflitos internacionais é inegável e multifacetada. Ao mesmo tempo em que informa e expõe realidades antes invisíveis, pode também ser instrumentalizada para manipular e distorcer narrativas. O desafio ético dos veículos midiáticos é equilibrar a busca por audiência com a responsabilidade de reportar a verdade. Com o avanço das redes sociais e o consumo fragmentado de notícias, o papel da mídia continuará evoluindo, mas sua capacidade de moldar percepções e decisões em tempos de guerra permanecerá central (Kellner, 2005). Esses dois exemplos ilustram como a visibilidade midiática dos conflitos é

⁷Chomsky (2022), define a guerra híbrida como um tipo de conflito que combina diferentes táticas, incluindo operações militares convencionais, desinformação, guerra cibernética, sanções econômicas e propaganda midiática. Esse modelo de guerra busca enfraquecer o adversário não apenas no campo de batalha, mas também no âmbito político, social e informacional, utilizando a manipulação da opinião pública como uma ferramenta estratégica essencial.

seletiva, refletindo tanto o acesso à informação quanto os interesses geopolíticos dos centros de poder — conforme exploraremos nas seguintes seções.

4. O CASO RÚSSIA-UCRÂNIA

O conflito russo-ucraniano intensificou-se no ano de 2014 com a anexação da Crimeia pela Rússia - conforme pode ser verificado no Mapa 1 - e evoluiu para uma guerra em larga escala em fevereiro de 2022 com a invasão russa. Esse conflito possui raízes históricas, políticas e culturais profundas e seus frutos representam um dos eventos mais significativos da geopolítica contemporânea. A Ucrânia — que fazia parte da União Soviética até 1991 — sempre foi vista pela Rússia como parte de sua esfera de influência. Foi com a expansão da OTAN e a aproximação da Ucrânia com a União Europeia que levaram a Rússia a interpretar como uma ameaça à sua segurança nacional, dado também a extensão de sua fronteira com o mesmo. O conflito atual reforça tal combinação de disputas geopolíticas, identidades nacionais e interesses estratégicos (Silva, 2022). Dito isso, a guerra tem impacto global, não apenas devido às questões de segurança internacional, mas também pela influência econômica, energética e midiática que envolve diversos atores estatais e não estatais (Marszalek-kawa; Dabrowska, 2022), como ferramenta para melhor visualização tem-se o mapa abaixo:

Mapa 1 - Uma parte da Ucrânia anexada



Fonte: CNN Portugal, 2022

Assim, dada a importante posição geográfica, reforça-se sua posição estratégica e a observação de grupos de interesses dado as raízes e frutos do conflito em questão.

4.1 Atores envolvidos

Os principais atores envolvidos no conflito são a Rússia, a Ucrânia, a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), os Estados Unidos (EUA), a China e a União Europeia (UE), juntamente a países partícipes, destaca-se a atuação pontual da França em iniciativas diplomáticas relacionadas ao conflito. Dito isso, destaca-se o líder Emmanuel Macron, que em uma entrevista coletiva junto ao líder dos Estados Unidos, Donald Trump, entra em defesa ao direito da soberania ucraniana, além de citar a necessidade coletiva de auxiliar em assegurar a segurança e estabilidade do Estado. (Hutzler, 2025).

Sendo assim, a Rússia, liderada por Vladimir Putin, busca reafirmar seu poder regional e evitar a expansão da influência ocidental em suas fronteiras (garantindo uma segurança estratégica contra o avanço da OTAN). Já a Ucrânia, por sua vez, procura consolidar sua independência e integridade territorial, contando com o apoio de países ocidentais, especialmente dos Estados Unidos, que têm desempenhado papel central no fornecimento de armas, recursos e suporte político (postura durante o período Trump) (Moran, 2022). Além disso, a OTAN e a União Europeia têm oferecido apoio militar, econômico e humanitário substancial à Ucrânia, ao passo que a ONU (Organização das Nações Unidas) tem buscado promover negociações e coordenar respostas humanitárias. A China, embora oficialmente neutra, tem reforçado sua aliança estratégica com a Rússia, sobretudo no campo econômico e diplomático, desafiando as sanções ocidentais e promovendo uma ordem multipolar (Thussu, 2021), o que evidencia os alinhamentos seletivos na cobertura midiática. O Irã também se alinha à Rússia, especialmente através do fornecimento de armamentos, como drones utilizados no conflito (BBC News, 2022). Por fim, o grupo dos BRICS — formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul — exerce influência indireta ao propor alternativas à ordem internacional ocidental, manifestando-se de forma ambígua diante do conflito, mas com tendência a reforçar a legitimidade da Rússia em fóruns multilaterais. (Mignolo, 2003).

4.1.1 *Influência dos atores no Sistema Internacional*

A guerra entre Rússia e Ucrânia reconfigurou a política internacional ao fortalecer alianças militares, como a OTAN, e ampliar a divisão entre o Ocidente e a Rússia. Sanções econômicas foram impostas por diversos países contra aquele, enquanto a China manteve uma postura ambígua, equilibrando interesses econômicos e estratégicos, ao passo que também tende ao lado russo⁸. A Rússia tem utilizado seu poder militar e energético para influenciar o

⁸Segundo o Estado chinês, a China apoia a resolução da crise russo-ucraniana através do diálogo e reforça o reconhecimento da soberania ucraniana, ao mesmo tempo em que há declarações como o fato de não classificarem como "invasão" ataques ordenados por Putin (G1, 2022). Além disso, a OTAN afirma que a China é uma

sistema internacional, buscando manter seu status de grande potência. Já a Ucrânia, ao buscar integrar-se às instituições ocidentais, desafia a hegemonia russa na região. Além disso, a guerra impactou diretamente o fornecimento de energia e alimentos em escala global (Snyder, 2022). A OTAN e os Estados Unidos, por sua vez, têm reforçado sua presença na Europa Oriental, o que tem gerado tensões com a Rússia, e como dito anteriormente, a União Europeia tem desempenhado um papel de mediação, buscando equilibrar os interesses das partes envolvidas. (

4.2 Ferramentas da interferência da mídia

A mídia desempenha um papel fundamental na construção de narrativas sobre o conflito, influenciando a percepção pública e a formulação de políticas externas. O conceito de guerra híbrida, também já abordado na presente pesquisa, é evidente, com a informação sendo utilizada como arma estratégica por ambos os lados (Chomsky, 2022). Além de outros conceitos trazidos como: *gatekeepers*, *framing*, *CNN effect*, *agenda-setting*, *weaponization of media*, os quais serão analisados a seguir como operadores da narrativa sobre o conflito.

4.2.1 Gatekeepers

Os *gatekeepers*, ou “selecionadores” escolhem e filtram as informações que chegam ao público, moldando a percepção sobre o conflito; ou seja, *gatekeepers* barram ou passam a informação (Arrais, 2014). As grandes redes de comunicação, como CNN e BBC, influenciam diretamente a narrativa, destacando determinados aspectos da guerra enquanto minimizam outros (White, 2021). Ou seja, os *gatekeepers*, ou “guardiões da informação”, controlam o fluxo de notícias e decidem quais informações são divulgadas. No conflito Rússia-Ucrânia, tanto a mídia russa quanto a ocidental, têm atuado como *gatekeepers*, selecionando e filtrando informações que favoreçam suas respectivas narrativas. (Shoemaker; Vos, 2009).

4.2.2 Responsabilização (Vítima/ Agressor)/framing e o CNN effect

O conceito de *framing* (enquadramento), que, a grosso modo, é nada mais do que promover uma interpretação de uma problemática de um indivíduo direcionando sua perspectiva (Rossi, 2017), é essencial para entender como a Rússia é frequentemente retratada como agressora e a Ucrânia como vítima, moldando discursos políticos e justificando sanções e apoio militar. No conflito Rússia-Ucrânia, a mídia ocidental tende a enquadrar a Rússia como

“facilitadora decisiva” no conflito dado o apoio em larga escala ao setor de defesa industrial russo (CNN Brasil, 2024).

agressora e a Ucrânia como vítima, enquanto a mídia russa inverte esse enquadramento, apresentando a Ucrânia como provocadora e a Rússia como defensora.

Trazendo um outro ponto de vista, a CNN, uma das principais emissoras ocidentais, adota um enquadramento centrado na Ucrânia como vítima de uma invasão injustificada. Desde o início do conflito, suas reportagens destacam o sofrimento da população ucraniana, a destruição de áreas civis e os esforços de resistência do exército nacional⁹. A narrativa reforça a ideia de que a Ucrânia representa os valores democráticos ameaçados por uma potência autoritária, e que o apoio militar e político à sua defesa é não apenas legítimo, mas necessário. A cobertura constante e emocionalmente carregada promove o chamado *CNN effect*, fenômeno em que se refere à capacidade da cobertura jornalística de influenciar decisões políticas e militares. A transmissão em tempo real dos ataques na Ucrânia gerou pressão pública sobre líderes ocidentais para adotarem sanções e fornecerem assistência militar ao país (Gilboa, 2005), ou seja, tal fenômeno faz com que a mídia influencie diretamente decisões políticas e intervenções internacionais ao pressionar líderes a reagirem rapidamente aos eventos noticiados. (Kellner, 2001).

Em contrapartida à visão da mídia Ocidental, tem-se o *Sputnik*, veículo estatal de comunicação russa, que constrói um enquadramento oposto ao citado anteriormente. Nessa perspectiva, o Governo russo declara que não está realizando uma invasão, mas sim conduzindo uma “operação militar especial” para proteger populações russófonas no leste da Ucrânia contra abusos do que chamam de “regime neonazista” em Kiev, além de análises nas quais afirmam a complicação por parte da Ucrânia e UE em findar o conflito¹⁰, dito isso, a emissora auxilia na legitimação do argumento russo. O discurso enfatiza a expansão da OTAN como ameaça existencial à segurança russa, e acusa o Ocidente de fomentar o conflito por interesses geopolíticos. Dessa forma, a Rússia se posiciona como defensora, e a Ucrânia como agente de provocação influenciado por interesses externos. (Sputnik, 2022).

Dito isso, ambos os casos evidenciam como a responsabilização pela guerra é moldada por estratégias discursivas distintas, cada uma adaptada à sua audiência e objetivos. Como observa Chomsky (2022), a mídia é muitas vezes usada como uma “arma ideológica” em

⁹A reportagem da CNN intitulada "Russia launches military attack on Ukraine with reports of explosions and troops crossing border", publicada em 24 de fevereiro de 2022, detalha o início da invasão russa à Ucrânia, destacando explosões em várias cidades ucranianas e a movimentação de tropas russas através das fronteiras. Disponível em: <<https://www.cnn.com/2022/02/23/europe/russia-ukraine-putin-military-operation-donbas-intl-hnk>>.

¹⁰UE e Ucrânia estão sabotando negociações sobre fim do conflito ucraniano.

conflitos, sendo instrumentalizada tanto para legitimar as ações quanto para deslegitimar o inimigo. Esse fenômeno é particularmente evidente na atual guerra de narrativas entre veículos como a CNN e a Sputnik, em que se mostra que a guerra se trava tanto no campo de batalha quanto nos meios de comunicação.

4.2.3 Agenda-setting

Conforme ilustrado, o conceito do *agenda-setting* atuaria no sentido de não distorcer, mas mostrar um fragmento da realidade a fim de formar uma opinião pública. Destarte, tal conceito não se refere à forma como as pessoas devem pensar, e sim sobre o que pensam, discutem e/ou refletem (Arrais, 2014). No contexto da guerra russo-ucraniana, determinados eventos são amplamente cobertos, enquanto outros são ignorados, moldando prioridades e percepções políticas onde, se pode destacar determinados aspectos do conflito, como os ataques a civis e a crise humanitária, enquanto outros aspectos, como as motivações geopolíticas, recebem menos atenção. (Mccombs; Shaw, 1972).

4.2.4 Weaponization of media

Outrossim, o termo *weaponization of media* — mídia usada como arma de guerra — seria a ferramenta, como supracitado, na qual a mídia, com o objetivo de propagação de narrativas destinadas a apoiar um ou mais lados de um conflito militar, e objetivando moldar a compreensão e o conhecimento público, resultando na representação da guerra de acordo com os interesses próprios (Rossi, apud. Vukasovich, 2017). A instrumentalização da mídia (*weaponization of media*) é uma estratégia utilizada tanto pela Rússia quanto pelo Ocidente. A Rússia emprega canais estatais, como a RT (Russia Today) e *Sputnik*, para disseminar sua perspectiva, enquanto plataformas ocidentais combatem a desinformação russa e promovem a visão pró-Ucrânia do conflito. (Pomerantsev, 2019).

4.3 Oportunidades econômicas geradas pelo conflito

Faz-se imprescindível analisar, também, o fato de que a guerra gerou novas oportunidades econômicas para diversas indústrias, especialmente o setor militar e energético. Aumento na produção e exportação de armas, reorganização das cadeias de suprimentos e crescimento da demanda por fontes alternativas de energia são algumas das consequências econômicas do conflito (Sipri, 2023). Assim, o conflito Rússia-Ucrânia gerou oportunidades econômicas para setores como a indústria de defesa e energia. Países que exportam armas, como os Estados Unidos e membros da OTAN, têm aumentado suas vendas para a Ucrânia e outros países da Europa Oriental. Além disso, a crise energética resultante das sanções à Rússia tem

beneficiado produtores alternativos de gás e petróleo, como os Estados Unidos e o Catar. (Goldman, 2022).

4.4 Iniciativas nas Instituições Internacionais

Organizações Internacionais (OIs) têm desempenhado um papel crucial na mediação do conflito. A ONU, por exemplo, condenou a invasão russa e tentou intermediar negociações de cessar-fogo. Já a OTAN expandiu sua presença na região, enquanto a União Europeia aprovou pacotes de sanções e assistência financeira para a Ucrânia. Além disso, o Tribunal Penal Internacional (TPI) também iniciou investigações sobre crimes de guerra cometidos no conflito (Gallagher, 2023). Esses enquadramentos mostram como os meios de comunicação atuam como vetores de poder, selecionando e moldando narrativas conforme interesses estratégicos dos atores envolvidos.

5. O CASO MIANMAR

Mianmar, anteriormente conhecido como Birmânia, é um país do sudeste asiático cuja história política e social tem sido marcada por uma longa sequência de conflitos internos, golpes militares e um complicado relacionamento com a comunidade internacional. Desde a independência do Reino Unido em 1948, o país enfrentou intensas disputas étnicas, políticas e religiosas. O golpe militar de fevereiro de 2021, conduzido pelo exército birmanês (*Tatmadaw*), que depôs o governo democraticamente eleito de *Aung San Suu Kyi* sob alegações de fraude nas eleições de 2020 (UN News, 2021), representa apenas mais um capítulo de um conflito prolongado e estrutural em Mianmar. Esse conflito tem raízes na repressão sistemática de minorias étnicas e religiosas — especialmente muçulmanos *rohingya* — e na histórica disputa por poder entre instituições militares e civis, marcando uma nova fase de repressão violenta e resistência popular, mas inserida em um cenário de longa data de autoritarismo, nacionalismo budista e exclusão social (Human Rights Watch, 2021; Amnesty International, 2018). Tal acontecimento desencadeou protestos em massa e a formação de grupos de resistência armada, resultando em uma crise humanitária e de direitos humanos significativa¹¹. Além disso, o país enfrenta desafios adicionais devido a desastres naturais, como o terremoto de magnitude 7,7 em abril de 2025, que causou mais de 3.000 mortes e agravou a situação humanitária¹². O conflito

¹¹A matéria: "*Fighting engulfs over two-thirds of Myanmar, fuelling humanitarian needs*" publicada pela United Nations News em 8 de dezembro de 2023, relata que mais da metade do país está envolvida em combates entre o exército e grupos armados, como as Forças de Defesa do Povo (PDF), formadas em resposta ao golpe militar. Desde outubro de 2023, mais de 578.000 pessoas foram deslocadas, e centenas de civis foram mortos ou feridos, evidenciando a gravidade da crise. Disponível em: <<https://news.un.org/en/story/2023/12/1144587>>.

¹²Em uma matéria da ABC News, "*Aftershocks, lack of resources hinder recovery work weeks after Myanmar earthquake*" - A situação foi agravada por uma série de fatores, incluindo a contínua guerra civil, deslocamentos

tem raízes profundas no controle autoritário do exército sobre a política do país e na tensão entre os grupos étnicos, como os rohingyas, que enfrentam discriminação sistemática (Cassiolato et al., 2020), dito isso, o *background* do conflito também envolve o fato de que Mianmar abriga mais de 135 grupos étnicos oficialmente reconhecidos. Entre eles, destaca-se a minoria muçulmana *rohingya*, alvo de perseguições sistemáticas, incluindo limpeza étnica e genocídio, segundo relatórios da ONU (Ohchr, 2018). A crise humanitária provocada pelo exílio forçado de mais de 700 mil *rohingyas* para Bangladesh, somada à repressão pós-golpe, elevou a situação de Mianmar à agenda internacional. Esse movimento foi formalizado, por exemplo, com a resolução da Assembleia Geral da ONU em junho de 2021, que condenou as violações de direitos humanos no país e exigiu o fim da violência militar, além de pedir o restabelecimento da democracia (United Nations, 2021). Além disso, o Tribunal Penal Internacional (TPI) iniciou uma investigação para apurar possíveis crimes de genocídio e crimes contra a humanidade cometidos pelo exército birmanês. (International Criminal Court, 2022).

5.1 Atores envolvidos

O conflito em Mianmar, assim como a maior parte dos conflitos violentos internacionais, envolve diversos atores internos e externos, com diferentes interesses e formas de participação. A complexidade do conflito está ligada à presença de grupos étnicos e religiosos, partidos políticos, forças militares e as interações com potências internacionais. Assim, tem-se que os principais atores do conflito incluem as Forças Armadas de Mianmar (*Tatmadaw*) — uma estrutura que inclui Exército, Marinha, Força Aérea, forças policiais militarizadas e milícias aliadas, evidenciando a complexidade do aparato repressivo estatal no país — o governo deposto da Liga Nacional pela Democracia (LND), a resistência armada civil (Forças de Defesa do Povo – PDF), minorias étnicas armadas e a população civil que protesta contra o regime militar.

Em nível internacional, diversos atores exercem influência direta ou indireta sobre a situação em Mianmar, ainda que com diferentes graus de eficácia e interesses. A Organização das Nações Unidas (ONU), juntamente com algumas organizações não governamentais (ONGs), tem atuado principalmente no fornecimento de ajuda humanitária e na documentação de violações de direitos humanos (UN News, 2021; Human Rights Watch, 2021). A Associação

em massa e a escassez de recursos de ajuda humanitária. Três semanas após o terremoto, as comunidades mais afetadas ainda enfrentam desafios como a falta de abrigo seguro, água potável, eletricidade e serviços de saúde. Disponível em: <https://abcnews.go.com/International/wireStory/aftershocks-lack-resources-hinder-recovery-work-3-weeks-120970473?utm_source=>>.

das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) tenta mediar a crise com base em um consenso de cinco pontos, embora sem alcançar resultados significativos até o momento (Instituto Igarapé, 2021). A China adota uma postura de não intervenção direta nos assuntos internos do país, mas apoia diplomaticamente o regime militar, guiada por seus interesses econômicos e por questões de segurança regional (Myint, 2021). A Rússia posiciona-se como aliada militar direta da junta militar, fortalecendo suas relações com o regime desde o golpe de 2021 (ICG, 2022). Já os Estados Unidos adotam uma abordagem condenatória, com sanções e pressões diplomáticas contra os militares birmaneses, alinhando-se ao discurso internacional de defesa dos direitos humanos e da democracia (BBC News, 2021; Amnesty International, 2018). Ambos exercem papéis fundamentais, cada um pautado por interesses estratégicos, geopolíticos e econômicos próprios. A atuação desses atores molda o desenvolvimento do conflito, bem como a resposta internacional diante da crise humanitária. (International Crisis Group, 2021).

5.1.1 *Influência dos atores no Sistema Internacional*

A interação de Mianmar com o Sistema Internacional tem sido desafiada pela resistência do regime militar, especialmente em contextos de sanções internacionais e diplomacia. A União Europeia, os Estados Unidos e outras potências ocidentais impuseram sanções econômicas, incluindo restrições ao comércio e congelamento de ativos, como forma de pressionar o regime (Silva, 2022). No entanto, a atuação das Nações Unidas (ONU) e da Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) tem se mostrado limitada e ineficaz devido ao sistema de veto e à falta de consenso sobre o tipo de intervenção a ser adotada. A China e a Índia, por sua vez, têm sido um dos atores-chave no apoio ao regime birmanês, devido a interesses estratégicos, como o controle de recursos naturais e sua posição geopolítica na região (Lima, 2021). Esses atores externos têm grande impacto na dinâmica do conflito, embora, muitas vezes, a falta de ações coordenadas dificulte uma resolução eficaz.

5.2 Ferramentas da interferência da mídia

A mídia tem desempenhado um papel fundamental tanto na formação da opinião pública interna quanto na percepção internacional sobre o conflito em Mianmar. As ferramentas da interferência midiática ajudam a moldar a narrativa, manipular informações e influenciar os comportamentos dos atores externos. Com isso, a mídia tem desempenhado um papel crucial na formação das percepções sobre o conflito em Mianmar, fazendo uso das ferramentas conceituais discutidas a seguir.

5.2.1 *Gatekeepers*

Os *gatekeepers* são os responsáveis por selecionar e filtrar as informações antes que elas se tornem públicas. No caso de Mianmar, o regime militar tem utilizado a censura para limitar o fluxo de informações, controlando rigorosamente a mídia Estatal e restringindo a imprensa independente, moldando a informação disponível, especialmente durante os protestos contra o golpe de 2021. O bloqueio de internet e o controle de jornais e emissoras de televisão foram estratégias utilizadas para impedir a disseminação de informações sobre os abusos do governo, incluindo massacres e tortura de manifestantes (Cassiolato et al., 2020). Além disso, o regime também manipula informações nas mídias digitais, onde movimentos de resistência tentam combater a censura através de redes sociais e outras plataformas digitais.

5.2.2 *Responsabilização (Vítima/ Agressor)/ framing e o CNN effect*

O modo como a mídia apresenta os conflitos e define quem é a vítima e quem é o agressor tem um impacto significativo na percepção pública. A mídia internacional frequentemente enquadra o regime militar de Mianmar como o agressor, especialmente em relação à crise dos *rohingyas*, uma minoria muçulmana que tem sido alvo de perseguição sistemática desde 2017. A narrativa predominante coloca o exército como o perpetrador das violações de direitos humanos, enquanto os manifestantes e as minorias são retratados como vítimas (Lima, 2021). No entanto, o governo militar birmanês, por sua vez, usa a mídia estatal para apresentar sua repressão como uma resposta legítima a ameaças internas, incluindo movimentos separatistas e insurgentes, o que auxilia na distorção do entendimento da situação interna.

O *CNN Effect* é um conceito que descreve o impacto que a cobertura midiática tem nas políticas internacionais. No caso de Mianmar, pode ser observado principalmente em relação às imagens de violência e repressão. A cobertura de protestos violentamente reprimidos, especialmente após o golpe de 2021, gerou indignação mundial. As imagens de sangue nas ruas e as fotos de pessoas feridas tornaram-se símbolos globais da opressão militar (Silva, 2022). Entretanto, apesar do efeito gerado pela mídia, as respostas políticas internacionais foram limitadas, em grande parte devido à falta de consenso no Conselho de Segurança da ONU, como visto no caso da incapacidade de adotar medidas de intervenção militar ou uma resolução forte. Um questionamento que persiste diz respeito à perpetuação do regime militar e deste quadro deletério mesmo com a evidente comoção internacional na ocasião do golpe.

5.2.3 *Agenda-setting*

A mídia tem o poder de definir a agenda pública e destacar questões específicas que acabam moldando a discussão política, tanto dentro do país quanto internacionalmente. No caso de Mianmar, os meios de comunicação ocidentais colocaram em destaque as questões de direitos humanos, como a crise *rohingya* e as repressões após o golpe, tornando esses assuntos prioridades na diplomacia internacional (Lima, 2021). Porém, questões como a resistência interna ao golpe e a política de resistência de grupos étnicos, embora cruciais, não receberam a mesma atenção da mídia internacional. A falta de foco na situação econômica e em outras minorias étnicas contribui para uma visão distorcida do conflito, o que corrobora para a perpetuação deste quadro deletério. (Cassiolato et al., 2020).

5.2.4 *Weaponization of media*

A *weaponization of media* refere-se ao uso da mídia como uma ferramenta para manipular e polarizar a opinião pública, muitas vezes em prol de objetivos políticos. O regime militar de Mianmar tem utilizado a mídia Estatal para disseminar propaganda e criar uma narrativa que demoniza a oposição e justifica suas ações como medidas necessárias para manter a ordem e a estabilidade (Silva, 2022). Por outro lado, a oposição também tem utilizado as plataformas digitais para divulgar as atrocidades cometidas pelos militares e chamar a atenção internacional para a crise, ampliando a cobertura midiática e buscando solidariedade internacional.

Além de utilizar a mídia tradicional para legitimar suas ações, o regime militar de Mianmar também tem se valido de plataformas digitais para ampliar sua propaganda.. Por exemplo, um relatório da Global Witness revelou que, mesmo após o golpe de fevereiro de 2021, o algoritmo de recomendação do Facebook continuava a promover conteúdo pró-militar, incluindo postagens que incitavam à violência e glorificavam abusos cometidos pelas forças armadas. Essa amplificação algorítmica contribuiu para a disseminação de desinformação e para a legitimação das ações do regime. (Global Witness, 2021).

Além de utilizar as plataformas digitais para chamar a atenção dos atores internacionais e divulgar os acontecimentos, a oposição conta com jornalistas exilados e organizações da sociedade civil que têm compartilhado relatos e evidências de abusos, com o objetivo de sensibilizar a comunidade internacional e obter apoio para a causa democrática. No entanto, essas iniciativas enfrentam desafios significativos, como a escassez de recursos e a repressão

por parte do regime. Recentemente, cortes no financiamento de agências internacionais impactaram negativamente a capacidade de operação desses grupos, dificultando a continuidade de suas atividades. (The Guardian, 2025).

5.3 Oportunidades econômicas geradas pelo conflito

Apesar das graves consequências humanitárias, o conflito em Mianmar gerou algumas oportunidades econômicas, principalmente para países como China e Índia, que se aproveitaram da instabilidade política para expandir seus interesses econômicos na região. A China, por exemplo, tem investido massivamente em infraestrutura e recursos naturais, como petróleo e gás, além de construir projetos estratégicos, como a Rodovia China-Birmânia, para ampliar sua presença econômica e militar (Lima, 2021). Além disso, a exploração de recursos naturais como o jade tem sido uma área em que o conflito abriu novas possibilidades, embora as condições de trabalho e os direitos dos trabalhadores sejam severamente violados.

5.4 Iniciativas nas Instituições Internacionais

A comunidade internacional, representada principalmente por organizações como a ONU, tem tentado intervir de várias maneiras no conflito de Mianmar, mas até então tem se mostrado ineficiente. As Nações Unidas, através de sua Assembleia Geral e do Conselho de Direitos Humanos, têm emitido declarações e investigações sobre as violações dos direitos humanos, especialmente as relativas à crise dos *rohingyas* (Silva, 2022). No entanto, as sanções impostas pela ONU e pela União Europeia não conseguiram mudar o comportamento do regime militar. A ASEAN, por sua vez, tem enfrentado críticas pela sua abordagem cautelosa e pelo princípio de não-interferência, que tem dificultado uma intervenção mais efetiva. (Cassiolato et al., 2020).

Além disso, a resposta internacional ao conflito reflete desigualdades sistêmicas na arquitetura do sistema internacional, como argumentam autores como Cox (1981) e Thomas (1987), que apontam para a assimetria de poder entre as potências e os Estados periféricos. Essa assimetria se traduz em uma hierarquia na visibilidade dos conflitos, onde interesses estratégicos determinam quais crises recebem atenção e quais são negligenciadas.

Apesar da presença de conceitos como *agenda-setting*, *framing* e *CNN effect*, a ausência de resultados políticos concretos em Mianmar evidencia os limites da influência da mídia em contextos onde os interesses estratégicos das grandes potências são baixos. Nesse sentido, o caso de Mianmar reflete as limitações estruturais das organizações internacionais em lidar com

crises internas em países soberanos, reforçando a hipótese de que a visibilidade midiática é seletiva e orientada por interesses geopolíticos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu da seguinte pergunta: *quais mecanismos explicam o viés da mídia internacional por divulgar alguns conflitos em detrimento de outros?* A investigação desta questão revelou que o viés midiático na cobertura de conflitos não ocorre de forma aleatória ou neutra, mas sim como resultado de uma complexa intersecção entre interesses políticos, econômicos, estratégicos e culturais (Entman, 1993; Thussu, 2021). A hipótese proposta — de que a mídia internacional reflete os interesses de grupos de poder nos conflitos abordados, o que justifica os enquadramentos adotados em sua cobertura — foi confirmada ao longo da análise comparativa entre os casos russo-ucraniano e de Mianmar.

No decorrer da pesquisa permitiu identificar, em cada etapa, evidências que sustentam essa conclusão central de que a mídia atua como um agente político ativo nas Relações Internacionais. Dito isso, a discussão sobre conceitos como *agenda-setting* (McCombs e Shaw, 1972), *framing* (Entman, 1993), *gatekeeping* (White, 1950), *CNN effect* (Robinson, 2002) e *weaponization of media* (Pamment e Bjola, 2018), ofereceu uma base sólida para compreender como a mídia atua como agente político ativo nas Relações Internacionais. Estes conceitos funcionam como engrenagens de um sistema de poder simbólico, no qual cada peça contribui para moldar a percepção pública e influenciar decisões políticas. Os mesmos se complementam: os *gatekeepers* definem o que será noticiado, o *agenda-setting* estabelece as prioridades informativas, o *framing* molda as interpretações possíveis, enquanto o *CNN effect* acelera a resposta política, e a *weaponization of media* instrumentaliza todo esse processo para servir a interesses estratégicos específicos.

Assim, tais ferramentas conceituais mostraram-se eficazes para desvelar as estruturas de poder que moldam a cobertura jornalística dos conflitos armados. Ao ancorar a análise nas lentes da Teoria Crítica (Cox, 1981) e dos Estudos Pós-Coloniais (Said, 1978; Spivak, 1988), foi possível problematizar os discursos midiáticos a partir de uma perspectiva que questiona a hegemonia ocidental, a colonialidade do saber e a seletividade na produção da informação. (Mignolo, 2003).

Na análise do caso de Mianmar, observou-se uma cobertura limitada, esporádica e superficial por parte da mídia internacional *mainstream*, apesar das graves violações de direitos

humanos, como o genocídio contra os *Rohingya* e o golpe militar de 2021 (Amnesty International, 2018; Human Rights Watch, 2021). A invisibilização da crise se deu não apenas por fatores geográficos ou culturais, mas principalmente por uma falta de interesse estratégico por parte dos grandes centros de poder global. A ausência de alianças políticas ou econômicas diretas com as potências ocidentais contribuiu para o desinteresse midiático, revelando o papel da mídia como reflexo das prioridades da ordem internacional. (Chomsky, 1997).

Já no caso do conflito entre a Rússia e a Ucrânia, identificou-se uma cobertura intensa, contínua e emocionalmente carregada, com forte ênfase em narrativas de resistência, heroísmo e civilização (BBC, 2022). Manchetes como "*Ukrainian Forces Hold the Line Against Russian Aggression*" (BBC, 2022) e campanhas que exaltam a resiliência dos civis ucranianos, como a cobertura do cerco a Kiev, reforçam essa narrativa, apresentando o conflito como uma luta pela democracia contra a tirania. Essa abordagem não apenas molda a percepção pública, mas também influencia diretamente as decisões políticas e o apoio militar dos países ocidentais. A ampla visibilidade do conflito foi impulsionada por sua proximidade geopolítica com a Europa, pelos interesses da OTAN e da União Europeia, e pela clara oposição entre os valores ocidentais e a ameaça representada por uma potência revisionista como a Rússia (Thussu, 2021). A construção midiática da Ucrânia como “vítima inocente” reforçou a mobilização internacional, gerando respostas diplomáticas, econômicas e humanitárias sem precedentes nos últimos anos. (Robinson, 2002).

Dessarte, a comparação entre os dois casos evidencia o quanto a mídia atua como amplificadora dos interesses geopolíticos dominantes. Enquanto Mianmar permanece desprezado e resumido à periferia da cobertura jornalística global, o conflito russo-ucraniano se tornou símbolo da luta entre democracia e autoritarismo — ainda que ambos os conflitos envolvam gravíssimas violações aos direitos humanos. Uma das conclusões centrais desta pesquisa é que o que diferencia a visibilidade internacional de um conflito não é necessariamente a intensidade da tragédia, mas sim a sua utilidade geopolítica para os centros hegemônicos de poder (Pamment e Bjola, 2018). Essa lógica seletiva na cobertura midiática reflete os interesses estratégicos das grandes potências, que priorizam crises que afetam diretamente suas esferas de influência, enquanto relegam outras, como o caso de Mianmar, à margem da atenção global. Essa constatação reforça a ideia de que a mídia não apenas reflete o mundo, mas o molda — decidindo o que é digno de comoção, intervenção e solidariedade. (McCombs e Shaw, 1972; Entman, 1993).

Com isso, esta pesquisa contribui para os estudos de Relações Internacionais ao ampliar a compreensão sobre o papel dos meios de comunicação como atores de poder na política global. A pesquisa reforça a importância de incluir a análise midiática nas investigações sobre guerra, segurança e política externa, reconhecendo que a batalha por narrativas é parte essencial da dinâmica dos conflitos contemporâneos (Robinson, 2002; Chomsky, 1997). Além disso, ao aplicar os referenciais da Teoria Crítica e dos Estudos Pós-Coloniais, o estudo colabora com a descolonização da análise internacional, ao mostrar como o silenciamento de determinados conflitos perpetua desigualdades globais e epistemológicas. (Said, 1978; Spivak, 1988; Mignolo, 2003).

Diante do pesquisado e descrito, duas conclusões se destacam. Em primeiro lugar, a hipótese foi confirmada: a mídia internacional tende a espelhar os interesses geopolíticos e econômicos das potências hegemônicas, sendo seletiva na divulgação de conflitos. E em segundo lugar, esta constatação exige um olhar mais crítico por parte da academia e da sociedade civil sobre o consumo de informações e a influência da mídia na construção da realidade internacional. (Thussu, 2021).

Para pesquisas futuras, recomenda-se aprofundar a análise em outros casos de invisibilização midiática, como os conflitos no Iêmen, Burkina Faso ou Sudão. Por exemplo, o conflito no Iêmen, descrito pelas Nações Unidas como a pior crise humanitária do mundo, com mais de 21 milhões de pessoas precisando de assistência humanitária (United Nations, 2023), recebe cobertura limitada em comparação com conflitos no Ocidente, como a guerra na Ucrânia. Esse contraste revela como fatores geopolíticos, econômicos e estratégicos influenciam a hierarquia de visibilidade global, reforçando a necessidade de estudos que abordem as causas dessa disparidade. (Pamment; Bjola, 2018).

Além disso, seria relevante investigar como atores do Sul Global podem se apropriar das mídias alternativas e redes sociais para romper com a lógica do silenciamento e construir novas formas de visibilidade internacional (Pamment e Bjola, 2018). Outro caminho possível é examinar o papel de plataformas digitais e algoritmos na priorização de determinados conteúdos sobre conflitos, o que amplia o debate para a dimensão tecnológica do poder informacional. (Thussu, 2021).

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar o debate sobre a importância da mídia nas Relações Internacionais e para incentivar uma reflexão crítica sobre os

mecanismos de produção da notícia em tempos de guerra. Embora a disciplina de Relações Internacionais tenha avançado na compreensão dos conflitos globais, ainda subestima a dimensão comunicacional dessas disputas, ignorando muitas vezes o papel central da mídia na construção de narrativas que moldam percepções e decisões políticas. Em um mundo cada vez mais marcado pela disputa por narrativas, entender quem fala, quem silencia e quem ouve é um passo indispensável para construir uma ordem internacional mais justa e plural.

REFERÊNCIAS

- AMNESTY INTERNATIONAL.** “We will destroy everything”: Military responsibility for crimes against humanity in Rakhine State, Myanmar. 2018. Disponível em: <https://www.amnesty.org>. Acesso em: 15 maio 2025.
- ARRAIS, Carlos.** *A mídia como ferramenta de poder nas relações internacionais*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.
- ARLA, Michael.** The ‘living room war’ in the escalation period: Romance, irony, and the narrative ambivalence of tragedy in Vietnam War era photojournalism. 2015.
- ARLAIS, R. W.** Social forces, states and world orders: Beyond international relations theory. *Millennium: Journal of International Studies*, v. 10, n. 2, p. 126-155, 1981.
- ARRENDT, Hannah.** *On Violence*. New York: Harcourt, Brace & World, 1970.
- BBC NEWS.** Russia-Ukraine war: What we know about the invasion. 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com>>. Acesso em: 15 maio 2025.
- BENEDICT, Ruth.** *The Chrysanthemum and the Sword: Patterns of Japanese Culture*. Boston: Houghton Mifflin, 1946.
- BOURDIEU, Pierre.** A opinião pública não existe. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1972.
- BOURDIEU, Pierre.** *On Television*. New York: The New Press, 1998.
- BULL, Hedley.** *A sociedade anárquica: um estudo da ordem na política mundial*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.
- CASSIOLATO, José Eduardo et al.** *Emerging Economies and Challenges to Sustainability: Theories, Strategies, Local Realities*. 2020.
- CHOMSKY, Noam.** *Media Control: The Spectacular Achievements of Propaganda*. New York: Seven Stories Press, 1997.

CHOMSKY, Noam. *Understanding Power: The Indispensable Chomsky*. New York: New Press, 2022.

CNN. Russia launches military attack on Ukraine with reports of explosions and troops crossing border. 2022. Disponível em: <<https://www.cnn.com>>. Acesso em: 15 maio 2025.

COX, Robert W. Social forces, states and world orders: Beyond international relations theory. *Millennium: Journal of International Studies*, v. 10, n. 2, p. 126-155, 1981.

ENTMAN, Robert M. Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.

FIGUEIREDO, Arnaldo M.; CERVellini, André. *Opinião Pública e Mídia*. São Paulo: Editora Zahar, 1995.

GILBOA, Eytan. *The CNN Effect: The Myth of News, Foreign Policy and Intervention*. London: Routledge, 2005.

HERMAN, Edward S.; CHOMSKY, Noam. *Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media*. New York: Pantheon Books, 1988.

HUMAN RIGHTS WATCH. Myanmar: Post-coup crackdown intensifies. 2021. Disponível em: <<https://www.hrw.org>>. Acesso em: 15 maio 2025.

INTERNATIONAL CRIMINAL COURT. Situation in Myanmar/Bangladesh. 2022. Disponível em: <<https://www.icc-cpi.int>>. Acesso em: 15 maio 2025.

INTERNATIONAL CRISIS GROUP. Conflict in Myanmar: No End in Sight. 2021. Disponível em: <<https://www.crisisgroup.org>>. Acesso em: 15 maio 2025.

KRISHNA, Sankaran. *Globalization and Postcolonial Studies*. London: Routledge, 2018.

McCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald L. The agenda-setting function of mass media. *Public Opinion Quarterly*, v. 36, n. 2, p. 176-187, 1972.

MIGUEL, Luis F. *Os Meios de Comunicação e a Opinião Pública*. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

MIGNOLO, Walter. *The Darker Side of the Renaissance: Literacy, Territoriality, and Colonization*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2003.

PAMMENT, James; BJOLA, Corneliu. Countering online propaganda and extremism: The dark side of digital diplomacy. In: BJOLA, Corneliu; HOLMES, Marcus (org.). *Digital Diplomacy: Theory and Practice*. London: Routledge, 2018. p. 145–168.

RAMPTON, Sheldon; STAUBER, John. *Weapons of Mass Deception: The Uses of Propaganda in Bush's War on Iraq*. New York: Tarcher/Penguin, 2003.

ROBINSON, Piers. *The CNN Effect: The Myth of News, Foreign Policy and Intervention*. London: Routledge, 2002.

ROSSI, R. *Framing e Mídia: Análises e Perspectivas*. Porto Alegre: Sulina, 2017.

SARTORI, Giovanni. *Homo Videns: Televisão e Pós-Pensamento*. São Paulo: Editora Record, 2002.

SAID, Edward W. *Orientalism*. New York: Pantheon Books, 1978.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the Subaltern Speak? In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (org.). *Marxism and the Interpretation of Culture*. Urbana: University of Illinois Press, 1988. p. 271–313.

TAYLOR, Philip M. *War and the Media: Propaganda and Persuasion in the Gulf War*. Manchester University Press, 1992.

THUSSU, Daya Kishan. *Global Communication: A Critical Introduction*. 3. ed. London: Routledge, 2021.

UNITED NATIONS. *World Humanitarian Data and Trends*. 2023. Disponível em: <<https://data.un.org>>. Acesso em: 15 maio 2025.

VUKASOVICH, Carolina. *Weaponization of Media: Mídia como Arma de Guerra*. New York: Lexington Books, 2017.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. *Information Disorder: Toward an Interdisciplinary Framework for Research and Policy Making*. Council of Europe Report, 2017.

WHITE, David M. The “Gatekeeper”: A Case Study in the Selection of News. *Journalism Quarterly*, v. 27, n. 4, p. 383–390, 1950.

WRIGHT MILLS, Charles. *A elite do poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que me sustentou e iluminou minha caminhada.

Agradeço a mim, que, por mais difícil que tenha sido, nunca pensei em desistir, sempre com foco, garra e determinação para alcançar meus objetivos.

Agradeço à minha família, meu pai Waldyr, minha mãe Mônica, meu irmão Rafael, que não mediram nenhum tipo de esforço para me auxiliar aqui, mesmo de longe sempre se fizeram presentes.

Ao meu tio Edgard, pela ajuda e conselhos, e ao meu avô Waldyr (*in memoriam*), sou grata por dividir a veia da história, geopolítica e ciência política com vocês. Gostaria que o vovô pudesse ler este trabalho, mas sei que ele está orgulhoso olhando lá de cima.

À minha melhor amiga Hanna, pelo apoio, pelas chamadas de vídeo, áudios e sendo presente da maneira que pode, *no matter where*.

Agradeço à minha família de João Pessoa, meus amigos, que caminharam junto a mim nestes anos da graduação, Moria, Paulo, Ada, Beatriz, Ayanna, Maria Luiza, Laura, Maria Eduarda e Yanka, vocês deixaram minha trajetória mais leve e acreditaram em mim quando eu não acreditava, amo vocês.

Ao meu orientador Fábio, pela paciência, pelos ensinamentos e pela ajuda no processo de construção deste trabalho. Agradeço a todos os professores do curso de Relações Internacionais da UEPB, em especial à Prof^a. Dra. Anna Beatriz Leite Henriques, professora da qual fui monitora na matéria de Teoria Política Contemporânea por três períodos, e o professor Caio Csermak, por marcarem de modo especial estes anos dentro da Universidade.

Por fim, meu muito obrigada a todos que se fazem presentes em minha vida, seja acadêmica, profissional ou pessoal, vocês são elementos fundamentais.